



Boletim ABPE | ano 12 - junho de 2016

Publicação Oficial da Associação Brasileira de Pedagogia Espírita



Boletim

Expediente

Associação Brasileira de Pedagogia Espírita

Publicação Oficial da

Associação Brasileira de Pedagogia Espírita



www.pedagogiaespirita.org.br

expediente

SUMÁRIO NAVEGÁVEL

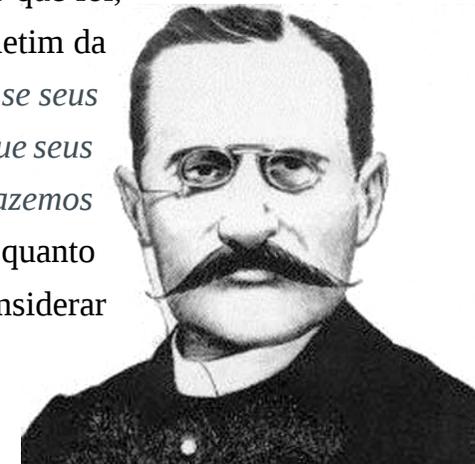
Editorial.....	02
Espiritualidade	
O humano no divino e o Divino no humano	02
Momento Histórico	
Paulo morreu crucificado?	
Mutações históricas das imagens de Jesus e do apóstolo dos gentios	04
Falar usando o véu ou permanecer calada?	
O debate sobre o papel das mulheres no cristianismo antigo	10

Editorial

Boletim da Associação Brasileira de Pedagogia Espírita – Junho de 2016

No mês de junho, trazemos aos membros da Associação Brasileira de Pedagogia Espírita novos conteúdos para esclarecer a questão da visão espírita sobre o cristianismo. Se Kardec usou boa parte de sua obra para analisar a questão do céu e do inferno cristãos, para discutir elementos do cristianismo tradicional, como celibato e mortificações corporais, e dedicou-se mais ainda a comentar as passagens morais do Evangelho; Se, mais tarde, León Denis publicou *Cristianismo e Espiritismo*, Herculano Pires escreveu *Revisão do Cristianismo*, e Dora Incontri retomou, em suas obras, o tema do cristianismo histórico, é porque essa tradição tem grande importância para a compreensão da proposta espírita, única e necessária, frente aos extremos do dogmatismo religioso tradicional e do materialismo cada vez mais relativista. Optando pelo caminho do meio, nós, espíritas, não somos aqueles que prefeririam retirar a marca cristã da civilização ocidental, mas também não vamos renunciar à crítica e ao enfrentamento da realidade do que foi, de fato, o movimento cristão na história. Nessa edição do boletim da ABPE, começamos pela parte mais difícil: *Como seguir Jesus se seus*

Allan Kardec *apóstolos primeiros diziam que ele era Deus, que ele nasceu de uma virgem, que seus seguidores deviam comer de seu corpo e tomar de seu sangue, e nós, espíritas, não fazemos nada disso? Entendendo quanto de humano havia nas palavras Divinas dos apóstolos, quanto de mítico e de político impregnou as narrativas sobre quem foi Jesus, podemos nos considerar inspirados por ele, não na letra que mata, mas no espírito que vivifica.*



León Denis

ESPIRITUALIDADE | Uma seção de reflexão sobre religiões e espiritualidades.

O humano no divino e o divino no humano

Litza Amorim

Diversos fatores nos indicam a relevância de conhecermos melhor a história do cristianismo, hoje analisada e interpretada no mundo todo por pesquisadores sem compromisso com as narrativas estabelecidas pelas religiões tradicionais.

Em primeiro lugar, entender como uma religião nascida entre os extratos inferiores da hierarquia social do mundo antigo chegou a tornar-se a religião oficial do império romano nos revela muito sobre as relações entre cultura, religião e política em determinado contexto histórico. Vemos também como aspectos da cultura de nosso tempo são relacionados, herdados e apropriados do passado. As milhares de estátuas do imperador Augusto espalhadas pelo império romano no início do século I baseiam-se no mesmo princípio que estabeleceu o louvor aos líderes totalitários no século XX, por exemplo.

Em segundo lugar, as palavras contidas nos livros sagrados cristãos - e as interpretações que delas se fazem - continuam de enorme impacto social na contemporaneidade. A antropóloga e ativista feminista [Chelsea Shields](#), uma mórmon liberal dos Estados Unidos, por exemplo, relata os suicídios de jovens homossexuais em sua comunidade cristã, a mesma comunidade que, segundo a jovem, levantou 22 milhões de dólares ao lutar contra o casamento homossexual na Califórnia. Obviamente, uma das bases desse engajamento político são os textos da Bíblia, alguns inclusive do apóstolo Paulo. No Brasil, quando um pastor destrói estátuas de Maria, está se apoiando em textos da Bíblia para legitimar sua ojeriza à “*idolatria*”.

E, no caso brasileiro, não podemos deixar de citar a menina candomblecista atacada por uma pedra no ano passado, bem como os centros espíritas escondidos, perseguidos por policiais nas décadas de 60 e 70. Quem conhece algum médium que chegou a um centro espírita escondido da família sabe o quanto reverberaram as proibições do Velho Testamento de que se consultassem “*mágicos*”,

“adivinhos”, pessoas que interpretam sonhos ou interrogam os mortos “*para saber a verdade*”. Não é sem motivo que Kardec dedicou um capítulo de *O Céu e o Inferno* para falar sobre a proibição atribuída a Moisés de que se evocassem os mortos, expressa nos livros Levítico e Deuteronômio do Velho Testamento, e sempre reiterada pelas Igrejas cristãs tradicionais.

Também a compreensão de que o credo cristão tradicional – a Trindade, a natureza Divina de Cristo, etc – foi um entre vários modos de seguir a Jesus na Antiguidade é especialmente importante para os espíritas, que têm sua identidade de cristãos negada por católicos e evangélicos.

Por outro lado, valores e virtudes altamente necessários para a conservação e o aprimoramento das relações humanas, bem como para transformações políticas, se tornam muito mais racionais quando relacionados a uma cosmovisão espiritualista. Isso é o que já advertia Kardec. Valores e virtudes como a fraternidade, a igualdade, o altruísmo, a coragem, a honestidade, o desapego, a prudência e o espírito de sacrifício se tornam muito mais racionais, e não contraditórios ao amor a si mesmo, quando compõem uma perspectiva de vida interexistencial. Se essa vida é tudo que temos, pode ser belo e nobre o altruísmo, mas ele é contraditório ao amor a si mesmo. Se tudo que somos é instinto e desejo, o altruísmo é uma negação da essência humana. Se o senso coletivo que mantém as sociedades integradas não se prende à natureza humana, nunca superaremos o mal estar da civilização.

Como entendia Kardec, é altamente importante criticar as religiões, retirar delas conteúdos dogmáticos, separatistas, mercadológicos e hierarquizantes, pois só assim pode-se salvar sua essência, oferecendo uma visão espiritual do sentido da vida às novas gerações, fortalecendo-as, assim, para o desenvolvimento de sua essência altruísta e para a construção de uma sociedade melhor. Analisar e criticar a história do cristianismo é uma forma de desenvolver em nós mesmos, e transmitir às próximas gerações, uma visão mais realista e equilibrada da história, da cultura e da religião. Conhecendo, revisando e criticando o cristianismo histórico, pretendemos aprender com os enganos das gerações passadas, recuperar a inspiração de figuras históricas como Jesus e Paulo, e valorizar o legado que recebemos, construído à custa de suor e sangue.

SE ESSA VIDA É TUDO QUE
TEMOS, PODE SER BELO E
NOBRE O ALTRUÍSMO, MAS
ELE É CONTRADITÓRIO AO
AMOR A SI MESMO.

Litza Amorim

MOMENTO HISTÓRICO | Uma seção para a reflexão sobre temas históricos.

Paulo morreu crucificado? Mutações históricas das imagens de Jesus e do apóstolo dos gentios

Herculano Pires já havia feito esforços, em *Agonia das Religiões* e em *O Espírito e o Tempo*, para mostrar como elementos oriundos da cultura mítica e mágica dos primórdios da civilização e da Antiguidade impregnaram a religião cristã no seu processo de desenvolvimento, desembocando, por exemplo, na ideia de tomar o corpo e o sangue de Cristo, na eucaristia, para ser fortalecido e protegido por eles.

Dora Incontri também apontou, em *Pedagogia Espírita*, como a ideia de Jesus como Deus e Rei do Universo estava ligada, por um lado, à conjuntura histórica de 1-estreita relação entre a dimensão religiosa e a dimensão político –institucional da cultura, e, por outro, 2- à cultura mítica e mágica da época.

Nosso objetivo, nesse texto, é trazer elementos concretos, evidências empíricas que corroboram as afirmações de Herculano Pires e Dora Incontri, que são, na realidade, constatações amplamente reconhecidas nas ciências humanas contemporâneas. Nossas principais referências *são a palestra sobre o apóstolo Paulo* analisado sob a ótica da pesquisa histórica, oferecida pelo historiador Lair Amaro dos Santos Faria, especialista em judaísmo helenístico e paleocristianismo, na instituição espírita Cruzada Espírita Paulo de Tarso, no Rio de Janeiro, e também a obra do crítico textual do novo testamento Bart Ehrman, *O que Jesus disse? O que Jesus não disse?*, sobre o contexto de produção e as adulterações das cópias do Novo Testamento.

A tese defendida pelo historiador Lair Amaro afirma que o Paulo histórico, conhecido através de suas cartas autênticas, teria sido “*domesticado*”, ou seja, sua mensagem de igualdade teria sido distorcida, de modo a se coadunar à mentalidade hierarquizante de sua época, que amplamente servia à sustentação do Império Romano. O pesquisador demonstra que as pregações autênticas de Paulo, registradas em suas cartas, desconstruíam a teologia e a ideologia imperial, buscando fundar comunidades (eclésias) que seriam sociedades alternativas à vigente.

O mundo dos primeiros seguidores de Jesus era totalmente permeado pela ideologia romana. Os judeus do século I já deixavam de nomear seus filhos conforme sua ascendência, e assim vemos, no Novo Testamento, judeus chamados Filipe e André, nomes gregos, como vemos as classes populares brasileiras nomearem seus filhos com nomes estadunidenses, mais “*chiques*”. Diversos líderes locais construía monumentos que demonstravam sua aliança ao império, entre eles Herodes, o rei dos judeus à época de Jesus, que construiu um teatro nos moldes greco-romanos em Séfores, a 6 km que Nazaré. Ou seja, um teatro construído a cerca de uma hora a pé de Nazaré, que somente romanos e judeus helenizados podiam frequentar. Herodes, um estrito monoteísta, também construiu um templo à deusa Roma (!!!) em Samaria.

A presença da dominação romana era explícita até para os analfabetos, através da construção de suas obras monumentais, como aquedutos, e da figura do imperador. Cerca de 250.000 imagens do Imperador Augusto - que governou de 27 a.C. até sua morte em 14 d.C – eram distribuídas pelas localidades do Império Romano, lembrando a todos a jurisdição sob a qual estavam.

Veja a posição de Augusto:



A estátua de Augusto com os dedos indicador e médio apontados. A posição de quem ensina, conduz, exorta.



A moeda do Império: À esquerda, o perfil de Augusto. À direita, a imagem da deusa Vitória com uma coroa de louros, com a inscrição: “César, Filho de Deus”.

O imperador era chamado Filho de Deus, e era também um Deus, sendo, aliás, o único governante romano colocado no panteão – ou seja, deificado – ainda em vida. Quando Augusto visitava uma cidade, havia comemorações pela “*Parúsia do Senhor*”, ou seja, a vinda do Senhor. Nesse contexto, quando Paulo, que não teve acesso a nenhum evangelho, chama Jesus de “*Salvador, Filho de Deus*”, e chama de “*Parúsia do Senhor*” o retorno de Cristo à Terra para instaurar o Reino de Deus, o apóstolo estava desenvolvendo uma teologia com alto significado político de afronta ao Império Romano.

Não se tinha na época uma noção de que todos seriam igualmente filhos de Deus. Filhos de Deuses eram pessoas raras e especiais. Nesse contexto cultural mítico, vemos, por exemplo, que no debate entre dois intelectuais do século III, o pagão Celso e o cristão Orígenes, considerado um dos pais da Igreja, não havia nenhuma dúvida entre os debatedores de que Jesus pudesse ser o Filho de Deus, assim como o foi Hércules. O único questionamento em pauta é se um carpinteiro poderia ser o Filho de Deus, ao qual Orígenes responderia que em nenhum evangelho Jesus é chamado de carpinteiro! Alguns manuscritos do século III, ao se referirem a Jesus, trocam a expressão “*carpinteiro*” por “*filho de carpinteiro*” em Marcos 6,3, tamanha a repercussão dessa questão, narra Bart Ehrman.

Apesar da proposta original de Paulo, de Jesus como Filho de Deus e Salvador, poder ser lida como uma teologia anti-imperial, a exaltação do Cristo seria usada, mais tarde, para fortalecer o Império Romano. Quando o cristianismo se torna religião oficial do império, entre as duas correntes cristãs mais numerosas à época - a proto-ortodoxa e a ariana - o concílio de Niceia, patrocinado pelo imperador Constantino, fez a escolha pela versão da divindade de Jesus, já que “*era muito mais vantajoso politicamente ter uma religião fundada pela majestade suprema do universo, do que por um seu enviado*”, afirma Incontri (2006, p.110). É possível nos

questionarmos também se, considerando que Roma foi governada por tantos imperadores-deuses, a um romano cristão ficaria bem venerar alguém menor que o próprio Deus encarnado em Cristo. Por fim, aos arianos e outros grupos cristãos foi lançado o anátema, e houve perseguição contra eles. Arius foi banido do Império Romano.

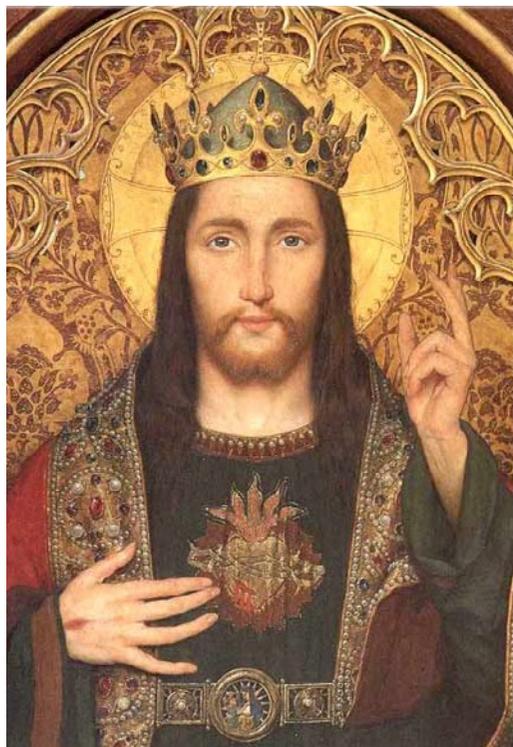
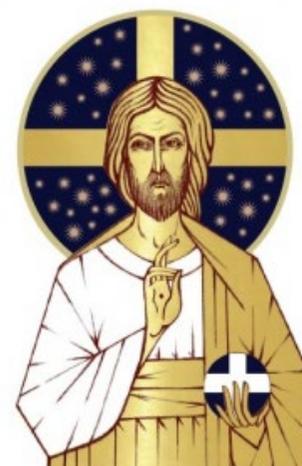


Imagem de Jesus representado como rei.

RAFAEL VITOLA BRODBECK



JESUS
CRISTO:
REI DO UNIVERSO.

A ideia de Jesus Cristo como rei do Universo não é uma relíquia histórica. Acima, a capa de um livro financiado em crowdfunding, em 2015, por católicos, prefaciado pelo jurista Ives Gandra, principal expoente da Opus Dei no Brasil.

A simbiose entre o sentido religioso e o político–institucional avançou na igreja cristã, com sua oficialização. A ideia da propriedade Divina dos bens da Igreja, por exemplo, já aparece em documentos do século VI, e, no século VIII, na regra de uma ordem monástica, por exemplo, vemos que o ingressante na ordem teria usufruto de seus bens anteriores, mas a propriedade seria passada para Deus. A regra menciona inclusive um contrato a ser assinado, no qual Deus entra como pessoa de direito, com concretude jurídica (!), narra o historiador [Marcelo Cândido da Silva](#).

Para Lair Amaro, a teologia anti-imperial paulina explicaria de forma contextualizada uma afirmação do apóstolo de que a vinda de Jesus e do Reino definitivo de Deus na Terra ocorreria a qualquer hora, mesmo quando todos pensassem que há paz e segurança. A afirmação é a seguinte: *“Pois que, quando disserem: Há paz e segurança, então lhes sobrevirá repentina destruição, como as dores de parto àquela que está grávida, e de modo nenhum escaparão”* (1 Tessalonicenses, 5-3). O historiador explica que o lema que os soldados romanos gritavam ao dominar uma cidade, e a inscrição na pedra que era colocada na região, sinalizando a hegemonia romana, era: *“Pax et securitas”*.

O sentido ético e político da ceia do Senhor orientada por Paulo às igrejas também é destacado por Lair Amaro. Esse evento tratava-se de uma reunião na casa de um dos membros - geralmente a casa do mais abastado, que era mais espaçosa, cabendo em média 80 pessoas - em que os cristãos levavam suas refeições, mas deveriam compartilhá-las. Essa era uma expressão forte de igualdade à mesa e comunhão. Paulo critica a desigualdade gerada na comunidade de Corinto, escrevendo *“De fato, quando vos reunis, não é para comer a ceia do Senhor, pois cada um se apressa a comer sua própria ceia e, enquanto um passa fome, outro se embriaga”* (1 Coríntios, 11,20-21). Ou seja, o mais rico se embriagava com seu farto vinho e o mais pobre, que levava água e sua parca refeição, passava fome. Quando a igreja cristã se oficializa como religião do Império Romano, a ceia é extinta, transformada na eucaristia que conhecemos até hoje, sem a necessidade do compartilhamento da comida entre os que compartilham da fé.

Por sua teologia e suas orientações que ameaçavam desde o domínio romano até a cultura de discriminação de mulheres e indiferença à pobreza, a figura de Paulo teria sido, primeiramente, vista com ressalvas entre os cristãos, e, posteriormente, distorcida no processo de ascensão do cristianismo de estado. Uma carta atribuída a Pedro, que relata que as palavras de Paulo estão sendo deturpadas (2 Pedro, 3, 15-16) confirmaria essa tese, também corroborada pela clara disparidade entre certas cartas de Paulo incluídas no cânone do Novo Testamento, no que se refere ao tema da igualdade entre homens e mulheres. Em sua palestra, Lair Amaro questiona: Por que em todos os lugares onde Paulo pregou, ou seja, a região da atual Turquia, hoje a maioria da população não é cristã?

A *“domesticação”* de Paulo também se expressaria na narrativa de sua morte. Não existem evidências de narrativas sobre a morte de Paulo até o século III. O mais provável historicamente, afirma Amaro, é que Paulo, que narra em suas cartas estar preso em Roma por volta de 64 d.C., tenha sido morto junto com outros cristãos como punição de Nero pelo incêndio de Roma nessa época, como narrou um autor da época, Tácito: *“Nero puniu com a mais refinada crueldade certa classe de homens detestados por seus vícios, chamados de*

cristãos pelo povo” (Tácito, Anais, 15.44, 2,4). Por romperem com o judaísmo ou com o paganismo, e não adorarem os deuses oficiais, os cristãos, aos olhos da população, eram viciosos, ateus, pessoas que atraíam a ira dos deuses sobre as cidades, destaca Ehrman.

Para Lair Amaro, Paulo teria sofrido uma morte semelhante a dos outros cristãos punidos por Nero, com feras, óleo fervente ou crucificação, que eram as punições apropriadas aos não romanos. Entretanto, as narrativas martirológicas que se iniciam em torno do século III, e se consagram, informam que o apóstolo teria morrido decapitado, que nada menos era que a pena para os nobres cidadãos romanos. É importante lembrar que Paulo, como cidadão romano, não tinha o mesmo status que um nobre romano, em uma sociedade em que até as punições por crime eram diferenciadas de acordo com o status hierárquico do criminoso. Na narrativa oficial do martírio de Paulo por decapitação, portanto, o Paulo da igualdade é ofuscado, e o Paulo da honra, associada, no mundo antigo, à hierarquia social, é ressaltado.

Falar usando o véu ou permanecer calada?

O debate sobre o papel das mulheres no cristianismo antigo

Como afirma Bart Ehrman, os pesquisadores modernos reconhecem que as disputas sobre o papel das mulheres na Igreja primitiva ocorreram justamente porque as mulheres *tinham* um papel – não raras vezes, importante e de destaque.

Podemos começar lembrando as narrativas dos próprios evangelhos, segundo os quais o próprio Jesus era acompanhado por mulheres em suas viagens e algumas davam suporte financeiro a ele e seus discípulos. Registra-se também que Jesus manteve diálogos públicos com mulheres e que só elas foram fiéis a ele até o fim, quando os discípulos homens desertaram (Confira Mateus 27,55 ou Marcos 15-40-41). E, o mais importante, uma mulher, Maria Madalena, sozinha ou com outras companheiras – é quem teria sido a primeira pessoa a ver o túmulo vazio e a dar testemunho da ressurreição.

Para os historiadores, a proclamação de Jesus do Reino vindouro de Deus, no qual não haveria injustiça, sofrimento ou mal, no qual todos, ricos e pobres, escravos e libertos, estariam em pé de igualdade, seria uma mensagem de esperança particularmente atraente para os excluídos da época – os doentes, escravos, pobres e as mulheres.

No século II, ou seja, duzentos anos depois do ministério de Jesus, vemos um dos pais da Igreja, Orígenes, debatendo com o intelectual pagão Celso, que questionava a validade do cristianismo, já que seus adeptos não eram “homens prudentes”, mas “adolescentes, um bando de escravos, um ajuntamento de idiotas”, e crianças acompanhadas de “mulheres incultas e idiotas”. Orígenes não nega que a comunidade cristã fosse amplamente constituída de classes de baixa extração, pouco instruídas, e diz que os cristãos são sábios no que se refere a Deus, não ao mundo (Cf. Ehrman, 2006, p.51).

Mas não precisamos esperar até o século II para ver que as mulheres desempenharam papel de destaque nas igrejas cristãs primitivas. Ao término da Carta de Paulo aos Romanos (16,3-4), quando o apóstolo envia saudações a vários membros da congregação, sua menção às mulheres deixa claro que elas não eram tidas como inferiores. Paulo cita Febe como uma diaconisa (ou ministra, serva) na Igreja de Cencreia e patrona do apóstolo, a quem ele confia a missão de levar sua carta a Roma (v. 1-2), o que significa inclusive ler e interpretar os escritos para a maioria analfabeta da comunidade, explica Lair Amaro, contrariando cristãos tradicionais que afirmavam que Febe era apenas uma serva, que não podia ensinar.

São mencionados também Prisca e seu marido Áquila, responsáveis por uma obra missionária entre os gentios, e que acolheram uma congregação cristã em sua casa (v.3,4). Mencionar a mulher nas saudações já é incomum no mundo antigo, quanto mais à frente de seu marido. Paulo menciona ainda suas colaboradoras Trifena, Trifosa, Pérside e Júlia, todas aparentando ter posição de destaque na comunidade. E, o mais impressionante, há Júnias, a mulher que Paulo chamou de “eminente entre os apóstolos” (v.7).

Em resumo, há evidências de que no cristianismo antigo as mulheres tenham se envolvido ativamente nas reuniões cristãs, orando e profetizando tanto quanto os homens. A essência da mensagem de Paulo parece ecoar a mensagem de igualdade radical:

“pois todos quantos em Cristo fostes batizados, de Cristo vos revestistes. Não há judeu nem grego, escravo ou livre, homem ou mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gálatas 3,27-28)

Ehrman destaca que algumas atitudes de Paulo parecem, entretanto, ambíguas quanto à extensão dessa igualdade. Exemplos disso seriam a orientação de que as mulheres, quando orassem ou profetizassem na Igreja, usassem o véu sobre suas cabeças para mostrarem que estão “sob autoridade”, já que o homem “é a cabeça da mulher” (E Jesus a cabeça do homem) (1 Coríntios 11,13-16); ou quando o apóstolo não se empenhou – ou, ao menos, teve uma atitude ambígua – pela abolição da escravatura, orientando aos cristãos que não era necessário mudar de posição (seja essa posição escravo, livre, solteiro, casado) (1 Coríntios 7,17-24).

Para o historiador Lair Amaro, entretanto, a voz igualitária de Paulo era a mais destacada no mundo antigo, e, por isso mesmo, foi deturpada. Diversos conselhos que Paulo repete, enfatizando a igualdade entre mulheres e homens na família, sem deixar ambiguidade, são escândalo e loucura para pagãos e judeus, como esta:

“O marido pague à mulher a devida benevolência, e da mesma sorte a mulher ao marido.

A mulher não tem poder sobre o seu próprio corpo, mas tem-no o marido; e também da mesma maneira o marido não tem poder sobre o seu próprio corpo, mas tem-no a mulher”. (1 Coríntios 7:3,4)

A ideia de igualdade entre homens e mulheres na família e no apostolado era altamente controversa. As comunidades faziam interpretações diferentes dos documentos cristãos, tinham práticas diferentes. A documentação posterior à morte de Paulo, associada às comunidades para as quais ele pregou, mostra debates sobre o papel das mulheres na Igreja, e evidencia que, em algumas comunidades, se enfatizava a igualdade em Cristo e as mulheres desempenhavam papéis de liderança; em outras, se priorizava a necessidade de as mulheres se manterem subservientes aos homens (Ehrman, *idem*, p. 191).

Essa disputa está retratada em um afresco datado do século VI, na Turquia, que retrata Paulo e Tecla:

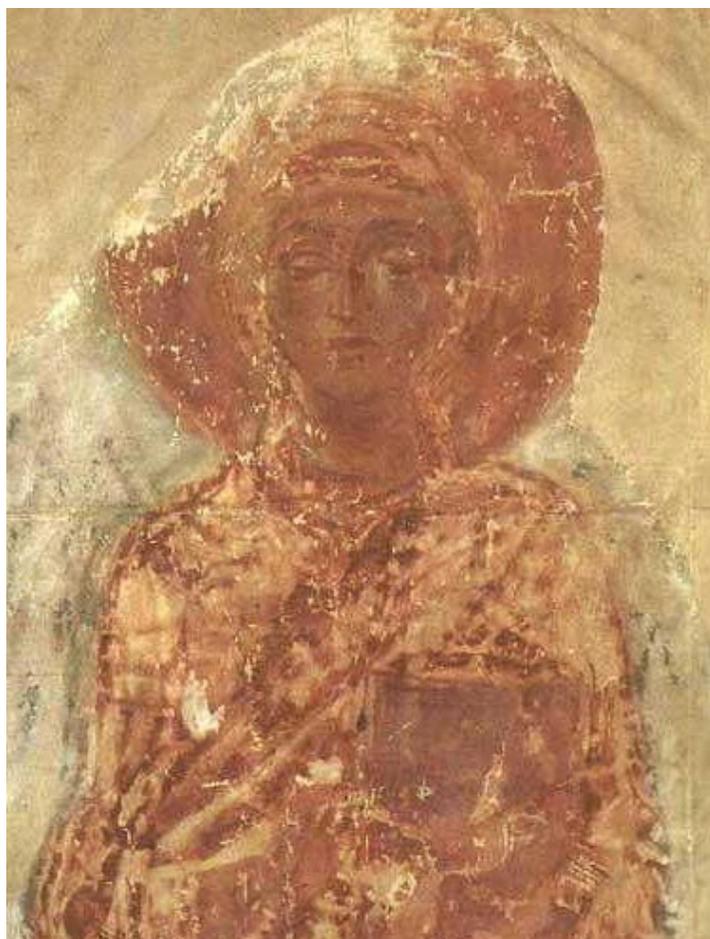


Afresco datado do século VI na caverna de São Paulo, na localidade antiga de Éfeso, na atual Turquia. A pose em que Paulo e Tecla foram retratados, com o dedo indicador e o dedo médio para cima, significava na arte antiga a posição de quem tem autoridade para ensinar, guiar. O tamanho da personagem retratada na figura também representava sua superioridade hierárquica e/ou espiritual. Evidentemente, foi um grupo cristão que desenhou Paulo e Tecla na mesma posição, com o mesmo tamanho. Como se pode ver, entretanto, um grupo posterior danificou a pintura de Tecla, queimando o retrato de seu indicador apontado e riscando seus olhos.

A considerada Santa Tecla teria se convertido após ouvir a pregação de Paulo, e se tornado uma divulgadora do movimento cristão tão ativa quando o primeiro. Como na figura de Augusto, a pose em que Paulo e Tecla foram retratados, com o dedo indicador e o dedo médio para cima, significava na arte antiga a posição de quem tem autoridade para ensinar, guiar. O tamanho da personagem retratada na figura também representava sua superioridade hierárquica e/ou espiritual. Evidentemente, foi um grupo cristão que desenhou Paulo e Tecla na mesma posição, com o mesmo tamanho. Como se pode ver, entretanto, um grupo posterior danificou a pintura de Tecla, queimando o retrato de seu indicador apontado e riscando seus olhos, como se dissesse: Uma mulher não pode orientar, um cego não pode conduzir.

Afresco do século XI, representando Tecla na Catedral Cristo Salvador de Chernihiv, na Ucrânia.

Além disso, deve-se questionar quanta disparidade de valores há em cartas diferentes atribuídas a Paulo: Enquanto, por exemplo, na carta aos Romanos, o apóstolo dos gentios saúda a diaconisa Febe, e, em Coríntios, se refere a homens e mulheres que profetizam e oram na igreja, vemos na carta Timóteo 1 a infame passagem:



Afresco do século XI, representando Tecla na Catedral Cristo Salvador de Chernihiv, na Ucrânia.

“A mulher deve guardar silêncio com toda submissão. Não permito à mulher ensinar ou ter autoridade sobre um homem. Que ela se mantenha em silêncio. Com efeito, Adão foi formado primeiro. Depois Eva. E Adão não foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu na transgressão. Todavia, ela será salva por sua maternidade, contanto que persevere na fé, no amor e santidade, com modéstia” (1 Timóteo,2,11-15)

Hoje, a ampla maioria dos historiadores defende que, das treze cartas atribuídas a Paulo no Novo Testamento, apenas sete são dele: Gálatas, 1 e 2 Coríntios, 1 Tessalocenses, Filipenses, Filemon e Romanos. A carta a Timóteo, cujo trecho reproduzimos acima, é um escrito que os pesquisadores laicos consideram que foi escrito por algum seguidor de Paulo de segunda geração.

Bart Ehrman também afirma que Paulo não escreveu a famosa passagem da carta aos Coríntios sobre as mulheres na Igreja. Essa passagem, muito semelhante a Timóteo, diz:

“Pois Deus não é um Deus de confusão, mas de paz. Como é de praxe em todas as igrejas dos santos, as mulheres mantenham-se caladas. Elas não tem permissão de fala; devem permanecer submissas, como diz a lei. Se elas desejam instruir-se sobre algo, interroguem seus maridos em casa. É vergonhoso para uma mulher falar na igreja. A palavra veio apesar de vós, ou alcançou apenas a vós?” (1 Coríntios 14,34-35)

Certamente Paulo escreveu a carta aos Coríntios, em que esse trecho está contido; entretanto, evidentemente não temos a versão original de Paulo, mas diversas cópias manuscritas, e nos mais confiáveis manuscritos os versículos acima estão embaralhados, colocados em locais diferentes da carta. Além disso, o trecho citado está inserido em um contexto em que se está discutindo como os profetas cristãos devem se comportar, ou seja, tais versículos contrastam muito com os assuntos imediatamente anterior e posterior da

carta, que são ambos sobre profetas. Retire-se esses versículos e o texto flui mais naturalmente.

Por fim, o próprio contexto geral de Coríntios parece contrariar tal trecho. Como pode Paulo instruir, anteriormente, as mulheres a profetizar e orar na igreja com véu e, logo depois, ordenar que elas se mantenham caladas? Em resumo, com base em uma combinação de evidências – vários manuscritos que embaralham os versículos, o contexto literário imediato e o contexto de Coríntios 1 como um todo – a conclusão mais racional é que esse trecho não é original de Paulo, mas um acréscimo posterior.

É importante citar que, com base na crença de que todas as cartas de Paulo são mesmo dele, e todos os textos no novo testamento refletem mais ou menos perfeitamente a vontade de Deus, até hoje a Igreja Católica e algumas igrejas evangélicas consideram que Jesus ordenou que a máxima autoridade espiritual na Terra – as posições de padres e pastores – seja atribuída somente a homens; e católicos e protestantes consideram que, no limite, a decisão e a última palavra de uma família pertence ao membro do sexo masculino.

Bart Ehrman destaca que, nesse debate sobre o papel que as mulheres deveriam exercer nas comunidades cristãs – assim como também por motivações teológicas, apologéticas, antijudaicas - alguns copistas dos manuscritos do Novo Testamento teriam se sentido impelidos a contar mentiras em nome de uma Verdade maior: o ideal de igreja que eles tinham em mente.

Vejamos um exemplo: Na carta autêntica aos Romanos (16,7), há uma passagem em que Paulo menciona seus companheiros Júnia e Andrônico, respectivamente esposa e marido, como “*eminentes apóstolos*”. Trata-se de um versículo muito significativo, visto que esse é o único lugar do Novo Testamento no qual uma mulher é citada como apóstola.

Alguns copistas do Novo Testamento ficaram tão impressionados com esse trecho que passaram a sustentar que ele não podia significar o que dizia, e então o traduziram como se ele não se referisse ao casal Júnia e Andrônico, mas a dois homens, Júnias e Andrônico, esses sim, eminentes apóstolos. Argumenta Ehrman que o problema com essa tradução é que, enquanto Júnia é um nome feminino muito comum no mundo antigo, nele não há nenhum indício de “*Júnias*” como nome masculino. Enquanto algumas Bíblias de nossos dias corrigiram esse “*equivoco*”, outras ainda se referem, em 2016, aos eminentes apóstolos Júnias e Andrônico.

Frente ao mesmo dilema, outros copistas mudaram a oração, transformando a frase “*Saudai Andrônico e Júnia, meus parentes e companheiros de prisão, eminentes apóstolos*” em “*Saudai Andrônico e Júnia, meus parentes; saudai também meus companheiros de prisão, eminentes apóstolos*”, assim ninguém precisaria se preocupar com uma mulher considerada por Paulo um eminente apóstolo!

Católicos afirmam que os apóstolos judeus haviam passado por tal “*pedagogia Divina*” que estavam aptos, com a ajuda do

Espírito Santo, a dizer a verdade, nada mais que a Verdade, sobre aquilo que Jesus lhes confiara, e, por isso, argumentam que Jesus soberanamente escolheu que fossem homens seus representantes na Terra, os padres. Quando relembramos que livros pseudográficos de Paulo foram incorporados ao Novo Testamento, que um trecho inteiro contrário aos ensinamentos do apóstolo foi inserido em sua carta, e que em algumas circunstâncias os próprios copistas teriam decidido corrigir a Palavra de Deus, podemos nos arriscar a dizer que é no processo histórico, com a liberdade de criar e conhecer caminhos humanos, e reconhecer erros também humanos, que está revelada a verdadeira pedagogia Divina.

Que conteúdo você gostaria de ver contemplado no boletim da ABPE?

Escreva para nós em: boletim.abpe@gmail.com